

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CARLOS LOPES DOS SANTOS

IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE DA JUVENTUDE QUILOMBOLA DA
COMUNIDADE ANDRÉ LOPES DO MUNICÍPIO DE ELDORADO NO VALE DO
RIBEIRA-SP.

BRASILIA-DF

2014

CARLOS LOPES DOS SANTOS

Identidade e territorialidade da Juventude do Quilombola da Comunidade André Lopes
do município de Eldorado no Vale do Ribeira-SP.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura em Geografia da UnB
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Ms. Marina Morenna A. Figueiredo

BRASILIA-DF

2014

SANTOS, CARLOS LOPES DOS

IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE: Identidade e territorialidade da Juventude Quilombola da Comunidade André Lopes de Eldorado-SP/Vale do Ribeira.

Monografia (Licenciatura) – Universidade de Brasília. Departamento de Geografia. UAB / Pólo Barretos.

É concedida a Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias dessa monografia e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos da publicação e nenhuma parte desta monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) pode ser reproduzido sem a autorização por escrito do autor.

Carlos Lopes dos Santos

TERMO DE APROVAÇÃO

**Identidade e territorialidade da juventude quilombola da comunidade André
Lopes do município de Eldorado no Vale do Ribeira-SP.**

CARLOS LOPES DOS SANTOS

BANCA EXAMINADORA

Msc. Marina Morenna A. Figueiredo

Mestre em Geografia

Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho

Doutor em Geografia

Msc. Marizângela Aparecida de Bortolo Pinto

Mestre em gestão ambiental e territorial

Aprovado em sessão pública 29 de novembro de 2014.

Aos meus pais e ancestrais.
Aos quilombolas brasileiros símbolos de
resistência histórica
Ao Mestre, Tutor e Colega Luís Carlos de
Souza (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ao Princípio Incrriado Criante á quem chamam DEUS.

Aos meus ancestrais, que me legaram a vida e uma história.

Aos mestres e a UnB, que lapidaram a realidade de minha graduação..

Á Banca Examinadora pela missão á eles imbuída.

À Mestre orientadora desse trabalho acadêmico, pela dedicação e paciência.

Aos quilombolas do quilombo André Lopes /Vale do Ribeira-SP.

No regime escravocrata brasileiro havia duas espacialidades, a casa grande e a senzala... O quilombo foi a terceira via.

O autor.

RESUMO

O quilombo, que em terras da África era reduto territorial de jovens guerreiros oriundos de varias etnias, no Brasil foi refugio do homem negro escravizado pelo sistema escravagista colonial e imperial, palco de resistência e luta pela liberdade. Após a abolição da escravatura, tornou-se palco de luta pela posse da terra e finalmente, reconhecido oficialmente pelo Estado Brasileiro em sua Carta Magna como território especial. Essa espacialidade, que outrora contrariava e desafiava o *status* hoje também se firma como palco de contradição ao sistema. Esse trabalho teve por finalidade pesquisar como a juventude quilombola da comunidade André Lopes do município de Eldorado no Vale do Ribeira - SP recebem e praticam suas culturas ancestrais e mantém sua identidade e territorialidade. O trabalho foi conduzido através de estreitamento de laços entre os pesquisados e pesquisador, os quais através de diálogo e entrevistas puderam ofertar e colher informações pertinentes em busca de como esse jovem “quilombola” , mantém,manterá ou não, essa identidade e territorialidade face ao reconhecimento e não titulação do território. Os resultados dessa pesquisa de campo demonstraram que a juventude quilombola pesquisada recebe uma cultura ancestral que seria o substrato de sua identidade e territorialidade sem as quais seriam mais um grupo de afro descendentes. Demonstraram ainda que o solo é vital para a cultura da comunidade a qual, tem suas origens na territorialização do mesmo, demonstraram ainda plena consciência e se reconhecem como herdeiros de um legado histórico de lutas, mas que o reconhecimento não é suficiente para a manutenção de sua historicidade eles já se reconhecem como quilombolas o que seria então vital é o reconhecimento e a titulação de seu território.

PALAVRAS CHAVE: Quilombo, Identidade, Território, Juventude.

ABSTRACT

Quilombo, that in Africa the land was territorial stronghold of young warriors come from various ethnic groups in Brazil was refuge black man enslaved by colonial and imperial slave system, stage of resistance and struggle for freedom. After the abolition of slavery, became the arena of struggle for land and finally, officially recognized by the Brazilian state in its Constitution as a special territory. This spatiality, which once contradicted and challenged the status today also firm as a stage contradiction to the system. This paper aims to investigate how the maroon youth community André Lopes Eldorado county in the Ribeira Valley - SP receive and practice their ancestral cultures and maintains its identity and territoriality. The work was conducted through closer ties between the researcher and researched, which through dialogue and interviews could offer and gather relevant information in search of how this young "maroon", maintain, keep or not, this identity and territoriality over the recognition and no titration of the territory. The results of this field study demonstrated that the studied maroon youth receives an ancient culture that would be the substrate of their identity and territoriality without which would be a group of african descent. Also showed that the soil is vital for community culture which has its origins in the same territorial demonstrated yet fully aware and recognize themselves as heirs of a legacy of struggles, but that recognition is not enough to maintain its historicity they already recognize as the Maroons would then life is the recognition and titling of their territory.

KEYWORDS: Quilombo, Identity, Territory, Youth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- O Vale do Ribeira-SP.....	34
Figura 2 - Estrada Eldorado-Quilombo André Lopes.....	37
Figura 3 - Residência quilombola.....	38
Figura 4 - Escola Estadual Maria Chules Princesa.....	38
Figura 5 - Escola Estadual Maria Chules Princesa.....	39
Figura 6- Gráfico 01 - Identidade da juventude quilombola André Lopes.....	42
Figura 7 - Gráfico 2: Territorialidade da juventude quilombola André Lopes	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados de projeção do IBGE (2007) * população nacional	31
Tabela 2 - Morte por causas externas	32
Tabela 3 - Morte por homicídio.....	32
Tabela 4- Dados Geográficos da cidade de Eldorado - SP	35
Tabela 5 - Pesquisa de identidade da juventude quilombola André Lopes.	41
Tabela 6 - Pesquisa da territorialidade da juventude quilombola André Lopes.	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADCT	Atos de Disposições Constitucionais Transitórias
CF	Constituição Federal
ECA	Estatuto da Criança de do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
ISA	Instituto Sócio Ambiental
ITESP	Instituto de Terras do Estado de São Paulo
OTAN	Organização do Tratado Norte
SUS	Sistema Único de Saúde
UNESCO	Organização das Nações Unidas para educação, ciência e cultura
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Justificativa	15
1.2 Problematização	16
1.3 Objetivos Gerais	17
1.3.1 Objetivos específicos	17
1.4 Hipóteses Geral	17
1.4.1 Hipóteses específicas	17
1.5 Materiais e Método	17
1.5.1 Instrumentos e Técnicas	18
1.5.2 Passos da pesquisa	18
2. REVISÃO TEÓRICA	20
2.1. A formação dos quilombos no Brasil	20
2.2 Território	25
2.3 Identidade e territorialidade quilombola	27
2.4. A juventude quilombola brasileira	30
3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	34
3.1. O Vale do Ribeira	34
3.1.1 O município de Eldorado-SP	35
3.1.2 O Quilombo André Lopes	36
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	40
4.1 A identidade da Juventude Quilombola	40
4.1.1 A territorialidade da juventude quilombola	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXO A	54
ANEXO B	55

INTRODUÇÃO

A palavra quilombo no Brasil remete a algum lugar em nosso passado escravocrata; mais precisamente na Constituição Federativa do Brasil de 03 de Outubro de 1988(CF, 1988). Na Carta Magna, esse tema reaparece em suas páginas no artigo 68 nos Atos de Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) que reconhece as terras remanescentes de quilombos o direito ao título da terra, local onde habitam, retiram sua sobrevivência, produzem e reproduzem suas culturas materiais e imateriais.

Há uma parcela muito grande de cidadãos brasileiros que desconhecem haver em nosso território, quilombos oriundos desse passado e que hoje também lutam por liberdade para produzir suas culturas as quais estão ligados a identidade e territorialidade de seus espaços e que são os quilombos atuais.

Segundo a Fundação Palmares (2011), há milhares desses sítios espalhados pelos quadrantes do Brasil, discriminados e ocultos historicamente. Povos que lutam pela terra, onde passa o tempo e a luta continua: outrora contra os senhores de engenho e escravocratas, hoje, contra invasores em seus territórios.

Esses cidadãos, mantêm com essa terra, laços ancestrais e é essa realidade histórica presente em nossos dias, os valores sociais materiais e imateriais que afirmam suas identidades e territorialidade e que fazem a academia lançar um olhar para essa parte da população brasileira, uma entre outras realidades étnicas que nos faz todo um povo.

Mas outrora e hoje, o que realmente era e é um quilombo, o que faz desse espaço campo de estudo para entender nossa história e espacialidade?

A academia começou a olhar esses espaços, torná-los objetos de estudo por ser algo de interesse das ciências geográficas, históricas, sociais e antropológicas afinal, alienada é uma sociedade que desconhece seu passado e a formação de sua história e espaço geográfico, os quais, moldados na criação, e trabalho humanos.

O quilombo, espacialidade nos extremos do desconhecido ou famigerado na configuração espacial brasileira, foi um problema para o sistema, outrora refúgio de insurrectos ao sistema escravista, hoje luta pela terra. O quilombo André Lopes, localizado no município de Eldorado - SP, não foge á regra dos outros quilombos espalhados pelo Brasil.

Seu território reconhecido e ainda não titulado sofre com vários tipos de ameaças que vão da invasão de grileiros a perda cultural, de construção de barragens a perda histórica e espacial.

Diante de todas essas premissas, o espaço a ser desenvolvida a pesquisa de campo, ou

melhor, nosso objeto de estudo, a juventude do quilombo André Lopes no município de Eldorado no Vale do Ribeira – SP darão informações incisivas de como eles mantêm suas identidades e, por conseguinte a territorialidade, naquele local reconhecido como quilombo, mas ainda não titulado.

O trabalho é uma coleta de informações realizadas por meio de entrevista e questionário e segue também uma lógica textual dividida em capítulos. O presente capítulo levanta hipóteses e explicita a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. O segundo capítulo aborda a formação dos quilombos no Brasil e o conceito de quilombo, território, identidade territorial quilombola, juventude brasileira. O terceiro capítulo expõe a caracterização da área de estudo geral, afunilando até o objeto de pesquisa a juventude do quilombo André Lopes. O quarto capítulo discorre sobre a coleta de dados obtidos no trabalho de campo confrontando ou não com as hipóteses levantadas, para explicar o que é a identidade e territorialidade dessa juventude quilombola.

1.1 Justificativa

O estudo da territorialidade e identidade quilombola se justifica pelo fato de que a memória de nossa história precisa ser conhecida, divulgada e preservada. Saber da existência desses quilombos em todo território nacional é importante por ser o nosso legado histórico e estarmos ligados ao nosso passado seja a casa grande ou senzala. Pelas rebeliões percebe-se que o trabalhador daquela época tão bem elaborou outro espaço o “quilombo”, firmando daí então, a luta contra a opressão social e até mesmo um divisor de águas na luta em prol de direitos humanos.

Dessa forma, justifica-se estudar os quilombos pelo fato que os mesmos, foram (e são) o começo da construção de um país com mais equidade social; luta pelo acesso á terra de forma mais democrática.

O quilombo, espaço que confronta a antiga lei de terra que foi excludente com os “outros” ou “diferentes” e também pela possível produção diferenciada na qual tem como base a sustentabilidade justamente pela forma com que produzem no solo.

Infelizmente a historiografia ainda mantém esse legado em segundo plano, negando ao povo brasileiro e aos alunos em nossos bancos escolares, a história dos povos escravizados e sua diáspora bem como suas contribuições pelo ideal de um país mais justo com sua população corroborando então com a minimização do preconceito ao “saber o outro”.

E justifico pesquisar essa realidade histórica espacial, para ser um material

didático/científico a somar aos professores, futuros pesquisadores, alunos em geral, sobre a contribuição de vários povos no processo de construção do país, não somente na concretude de casas coloniais, mas na política e filosofia no intuito de minimizar preconceitos.

Para a comunidade e objeto de estudo, ou seja, a juventude quilombola do bairro André Lopes se justifica saber como eles se afirmam e como mantêm a territorialidade e identidade recebida dos ancestrais. Importância que perpassa da história à manutenção territorial de uma espacialidade coletiva em meio à esmagadora idéia capitalista de posse individual da terra.

1.2 Problematização

A Carta Magna outorgada em 03 de outubro de 1988, em seu artigo 68 do Ato de Disposições Constitucionais Transitórias, reconhece as terras remanescentes de quilombos, o direito ao título da terra, local onde habitam, retira sua sobrevivência, produzem e reproduzem suas culturas materiais e imateriais (CF, 1988).

Mas é certo que, existem muitos quilombos no Brasil, os quais em uma esmagadora maioria, não são titulados. Sabemos que o território pela elucidação de Souza (2001), se faz pela ação de poder sobre um espaço, e não somente, poder advindo do Estado, mas advindo de grupos que por laços afetivos, de parentesco ou históricos, fazem desse espaço seus territórios.

Quanto aos laços citados pelo citado autor, é a juventude que de uma forma ou de outra, recebe a cultura material e imaterial de seus antecessores, ela em si e suas aspirações, possuem suas diferenças étnicas e sociais, a juventude quilombola por assim dizer, não é diferente de outros jovens em seus anseios, mas o é na historicidade e a forma com que se identificam ou se afirmam. Restando apontar por meio da pesquisa de campo, como mantêm suas identidades e territorialidade ante as adversidades encontradas, tudo isso através do olhar dessa juventude.

Para uma possível elucidação, questões foram lançadas e respondidas conforme o desenrolar dessa pesquisa:

- a) a titulação de territórios quilombolas é importante para a manutenção de suas identidades e territorialidade?
- b) Como se dá a questão de territorialidade baseado na identidade de um grupo sobre determinado espaço, em especial a juventude objeto desta pesquisa?

(c) diferentemente de outros grupos étnicos (judeus, ciganos) os quais territorializam de forma diferenciada, os quilombolas necessitam exclusivamente da terra, do solo e seu uso para produzir e reproduzir suas culturas conferindo daí, suas identidades baseados na sua territorialidade?

Desta forma, no intuito de responder essas questões a pesquisa foi realizada com os jovens do quilombo André Lopes no município de Eldorado – SP.

1.3 Objetivos Gerais

Estudar a identidade e territorialidade dos jovens da comunidade Quilombola André Lopes no município de Eldorado no Vale do Ribeira-SP.

1.3.1 Objetivos específicos

- a) Identificar as expressões culturais da comunidade e como ela é transmitida a sua juventude;
- b) Coletar informações e aspirações da juventude quilombola;
- c) Analisar as afirmações de identidade e manutenção da territorialidade da juventude.

1.4 Hipóteses Gerais

Somente o reconhecimento e não titulação do território quilombola não é suficiente para manutenção da identidade e territorialidade de sua juventude.

1.4.1 Hipóteses específicas

- a) A identidade e territorialidade quilombola é exclusivamente camponesa?
- b) A cultura quilombola sobrevive sem o território?

1.5 Materiais e Método

O método hipótese/dedução é o escopo nessa pesquisa, a partir do levantamento de hipóteses e posterior verificação em trabalho de campo. Esse método escolhido segue uma norma de que se embasam as conjecturas pelas hipóteses sendo elas verdadeiras supõe-se que

as conjecturas também o serão conforme Lakatos & Marconi (2003).

E segundo ainda Lakatos e Marconi (2003), que se baseiam em Bunge (filósofo) são as etapas a seguir que levam a um fim a pesquisa, a saber: a colocação do problema, a construção de um modelo teórico, a dedução de conseqüências particulares, o teste das hipóteses, a adição ou introdução das conclusões na teoria.

Para tanto, as análises foram realizadas a partir de dados obtidos de questionários e entrevistas semi- estruturadas. Estas foram realizadas com jovens da comunidade escolhidos de forma aleatória, sendo requisito que todos fossem legalmente falando, maiores de idade..

Entrevistas semi estruturadas, segundo Trivinõs (1987), têm como essência, questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. O uso desse tipo de entrevista se dá pelo fato de que se aproxima de um diálogo, no qual se pretende ter com as pessoas dessa comunidade, por não ter um formato distante e rígido, mas a proximidade e flexibilidade que ela se reveste, deu a pesquisa dados qualitativos, aproximando os entrevistados e o entrevistador que terão mais liberdade no diálogo.

Deste modo, o trabalho seguiu um roteiro pré estabelecido com detalhes a obter precisão e um resultado positivo, por meio de interação com as lideranças comunitárias e administração escolar, pode o pesquisador chegar ao objeto de pesquisa. Assim, primeiramente foi construído um relacionamento de empatia, uma prévia dos questionamentos, para que não houvesse um bloqueio entre pesquisado e pesquisador e isso foi possível através da familiaridade firmada por meio de diálogos, colóquios informais e somente após a segurança da abertura e empatia é que a pesquisa foi realizada propriamente.

A pesquisa seguiu o caráter semi estruturado, pela maleabilidade que ela se reveste, daí então, se obter respostas para os questionamentos e hipóteses segundo Trivinõs (1987).

1.5.1 Instrumentos e Técnicas

Foram usados os seguintes instrumentos para essa pesquisa:

- a) A busca de referenciais teóricos para nortear e teorizar a prática in loco.
- b) A pesquisa exploratória para amalgamar a teoria e a práxis.
- c) A entrevista semi- estruturada para obter dados empíricos que serviram de subsídios para as reflexões dessa pesquisa Trivinõs ((1987).

1.5.2 Passos da Pesquisa

Para que houvesse resultado satisfatório nessa pesquisa, primeiramente houve um levantamento bibliográfico, no qual vários autores foram visitados em seus textos que abordam os tópicos necessários para formação de idéia científica. Para tanto foi revisto textos e artigos científicos de autores os quais abordam o que conceituam território e territorialidade, identidade e juventude, e o que seja quilombo em sua forma mais essencial outrora e atual.

De muitos autores visitados, o território e territorialidade estão sob a ótica de Hasbaert (2006), quilombo sob a ótica de Kabenguele Munanga (1995), identidade sob a ótica de Stuart Hall (2004), juventude segundo Castro, Andrade & Aquino (2009).

Foi realizado trabalho de campo, para unir a teoria estudada com a prática, dentro de uma sistematização tal, que o trabalho seguiu de uma forma funcional coalizando os tópicos teóricos com a realidade empírica observada na pesquisa de campo formando daí o trabalho de forma íntegra e científica Lakatos & Marconi (2003).

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1. A formação dos quilombos no Brasil

De várias regiões da África, vários africanos escravizados eram enviados para a formação colonial brasileira que teve como alicerce o trabalho escravo, ou seja, escravizadores e escravizados, resultando dessa formação social exploratória e criminosa a rebeldia e as fugas que contribuíram para a formação de quilombos, fato histórico-geográfico comuns na sociedade escravista brasileira conforme Moura (1993).

Diante de um sistema opressor, caracterizado pela escravidão, que tirava a identidade do homem ao ser arrancado de sua comunidade, atravessar um oceano e chegar a uma nova terra em condição de mercadoria, de escravo, em resposta ao sistema, os trabalhadores escravizados ousaram de várias formas a se insurgir, surgindo dentre tantas, os quilombos. O que seria então, essa realidade político- cultural- espacial denominado quilombo?

O que se definiria quilombo no pensar jurídico e escravocrata do século XVIII sobre essa formação espacial, data em 1740 do Conselho Ultramarino ao Rei de Portugal o quilombo naquela legislação seria então: “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele” (MOURA p.16, 1993).

Essa definição provinha de um sistema escravocrata, o quilombo aos olhos do dominante colonizador e que de certa forma colocou o quilombo entre algo pré conceituado, invisível injustamente pela ignorância e preconceito, também temido.

Sabe-se que essa definição ficou em vigor até os anos 70 do século XX, como por exemplo, os autores Artur Ramos (1953) e Edson Carneiro (1957), mantinham o quilombo no passado em um pretérito, onde a característica primordial era a da resistência ao escravismo, desligamento de relações sociais com outras comunidades através do isolamento geográfico segundo Schmitt (2002).

Sabe-se igualmente que, através de pesquisas de vários autores que tratam da temática que havia na verdade, várias formas de ocupação negra na e da terra e passava da fuga, a compra, doação á serviços prestados ou simplesmente o cultivo de subsistência dentro de terras abandonadas em declínios econômicos e que acabavam por se tornar território de negro segundo Almeida (1988).

Lopes *et al* (1987), também trazem o quilombo aos olhos do popular, seus diversos e diferentes significados, muitas vezes carregados de preconceito justamente pelo o que ele, o

quilombo, dá significado e que vai do lugar a um povo, do conflito a um sistema de relação social.

A ciência geográfica perpassa os sistemas físicos e humanos que sua área abrange não se restringe a um mero método descritivo estamos aqui tratando do termo quilombo, que é o motivo espacial desse trabalho, e sua população produtiva e que dele faz parte. Para nortear essa pesquisa, o conceito de Quilombo utilizado é o de Munanga (1996) que afirma:

Palavra de origem Bantu, do *umbundokilombo*, que designa uma instituição política e militar que envolveu várias regiões da África Bantu; de caráter transcultural no Brasil escravocrata já que reunia negros de outras regiões africanas e indivíduos marginalizados pelo regime colonialista (MUNANGA, p.58, 1995/1996).

Para o antropólogo Kabenguele Munanga, (1995/1996), os quilombos brasileiros, no período escravista tinham muito haver com o *kilombo* africano que vigorou em Angola nos séculos XV e XVII, e tinham como característica essencial, a reunião de jovens de várias etnias em um local geográfico de difícil acesso. Com caráter político-social pessoas essas, insatisfeitas com a sociedade em que viviam e recriavam o *kilombo* formado por pessoas oriundas dessas várias etnias. Clovis Moura (1993) lembra em seu texto que:

A quilombagem foi apenas uma das formas de resistência. Outras como, o assassinato dos senhores, dos feitores, dos capitães de mato, o suicídio, a fuga individual, as guerrilhas e as insurreições urbanas se alastraram por todo o período. Mas o quilombo foi a unidade básica de resistência do escravo (MOURA, p.16, 1993).

Sobre o regime escravista, a formação dos quilombos no Brasil e a posição política filosófica entre cativos e a colônia, demonstram que os quilombos tinham além de posição contrária ao sistema, diversas formas de teias de relações com demais espacialidades, quase nunca geograficamente isolados. Segundo Almeida (1988) o distanciamento da sociedade não eram comuns, havendo casos de intensa relação entre aquilombados e províncias.

O mesmo autor tece uma crítica ao conselho ultramarino e seus pressupostos do que seja um quilombo baseado em senso comum, além de demonstrar as várias faces dos quilombos como o de Frechal no Maranhão que se localizava a cem metros da casa grande. E cita outros que se formavam dentro das próprias senzalas e nos mostra o quanto é complexo e rico o material científico de pesquisa sobre essa referida espacialidade Almeida (1988).

Gomes (1996) cita que além de ser uma das mais incisivas e ostensivas formas de lutas dos direitos humanos, e que remonta daí a luta de classes com suas diferenças sua pluralidade, confrontando a desigualdade. Mas em geral, temos como regra de que o quilombo era resposta aos modos subumanos que homens e mulheres escravizados viviam dentro do

sistema colonial. O texto abaixo de Fiabani (2005) cita o quanto de investidora contra a escravização foi realizada pelos que dela não aceitavam submissão:

Contrariando o pensamento comum sobre a passividade do negro escravizado, ante sua condição no ocidente ou novo mundo, durante os mais de três séculos de escravidão, houve resistência a essa condição, que transitava da sabotagem ao suicídio e da fuga ao quilombo, como forma de se reestruturar como ser humano livre em auto defesa contra os maus tratos, pela liberdade e vida (FIABANI, p.257, 2005).

A bem da verdade é que a relação entre os quilombos e a sociedade colonial era intensa o que contraria o Conselho Ultramarino que citava o isolamento social como premissa do que seria um quilombo, contudo, estudos mais, autores tantos, trazem á tona as relações de troca, consumo e venda entre os aquilombados e a sociedade. Desse modo, Moura (1989) afirma:

Constataram-se no quilombo do Ambrósio, em Minas Gerais e na República de Palmares, os negros tiveram de entrar em contato com outras camadas, grupos e segmentos oprimidos nas regiões onde atuavam. Precisavam de armas, pólvora, facas e outros objetos. Realizavam então, um escambo permanente com pequenos proprietários locais, mascates, regatões, a fim de conseguirem aquilo de que necessitavam especialmente armas e pólvora... o escravo mineiro, por exemplo, ligava-se com muita freqüência ao faiscador e ao contrabandista de diamantes e ouro, com eles mantendo um comércio clandestino, que era severamente combatido (MOURA, p. 24-25, 1989).

Na fala de Moura (1989), vemos que os quilombos mantinham teias de relacionamento entre a sociedade do quilombo e a sociedade colonial. Vemos desse modo, o quanto complexo eram essas relações para ser taxado somente como um local de escravos fugidos, vê-se bem que, o cativo usava de sua projeção funcional no seio colonial, como vimos na citação acima, para criar um poder seja ele de troca e consumo ou de enfrentamento de sua condição.

Guimarães (1999) é outro autor que define o que seja quilombo e de onde se originaram, em suas palavras:

Os quilombos de hoje correspondem às chamadas terras de preto, ou Comunidades Negras Rurais, que se originaram, de fazendas falidas, das doações de terras para ex-escravos, das compras de terras pelos escravos alforriados, da prestação de serviços de escravos em guerras (Balaiada, Paraguai) e das terras de Ordem Religiosa deixadas à ex-escravos no início da segunda metade do século XVIII (GUIMARÃES, p.323, 1999).

Algumas comunidades negras, não se identificavam com o Quilombo dos Palmares belicoso e auto-suficiente, mas sim com os laços que se criaram pela vivência e produção em

comum, se diferenciando de outra comunidade, somente pela origem étnica, realizando e vivendo dentro de um princípio de posse da terra e manutenção de suas vidas, cultivando terras abandonadas e falidas ou as que recebiam por reparação de consciência de seus antigos “donos”.

Como vemos então, os quilombos e, portanto os quilombolas brasileiros enfrentam desde sua formação, um histórico de lutas e opressões e isso se dá de maneira generalizada.

Desse modo observamos os tipos de conceitos e preconceitos que incidem sobre essa população, e por isso, importantes então saber, como esses quilombolas mantêm suas identidades e territorialidades, uma vez que recebeu o legado de seus ancestrais, a oralidade como forma de perpetuação da cultura e também o legado da escravidão e suas implicações.

A relação entre o Estado e a população negra marginalizada é antiga, nas leis de terras de 1850, a exclusão de negros no processo de aquisição é óbvia. No entanto observamos que essa população, não tem no nomadismo sua afirmação, mas nos laços de sangue, de parentesco e da cultura agrícola como forma de se sociabilizarem, daí se vê o quão se faz importante o solo, o território para que suas culturas sejam mantidas Anjos (2004).

Vemos em Santos (2004), essa máxima, onde o mesmo enfoca o “território (quilombo) como produção humana em determinado espaço”, a população quilombola brasileira emerge então, como produtora e reprodutora de suas culturas, porém a identidade do grupo e a territorialidade nesse caso pressupõem um território, um espaço socializado Santos (2004).

Somente há equidade histórica e social ,quando não se desconhece o “outro”,mas conhecê-lo, saber de sua importância dentro do contexto ao qual está inserido.

Infelizmente no Brasil, apesar da Lei 10.639/03 de 09 de janeiro de 2003¹ o imaginário social, reforçado pela escola que ainda é vaga em aplicar o que essa lei prescreve, pretere em relatar a história da luta do povo negro, os quilombos e suas contribuições na história e formação de nosso povo, ou seja, a lei não é aplicada como deveria.

Dessa maneira, o negro então, é estudado como escravo e o quilombo de Palmares uma espacialidade idealizada e romantizada, não estudado o território de força política de luta e resistência ao sistema escravista e assim colocando o negro e seus descendentes como algo oculto, problema, imutável, distante e isolado da civilização e no pretérito. Dentro dessa concepção Anjos (2009) cita:

Esse contexto somente poderá mudar, a curto e médio prazo, primeiro com uma política educacional agressiva e com o foco direcionados para

1 Da Presidência da República do Brasil-Casa Civil

desmistificar o continente africano para a população do Brasil. Importante também é uma política explícita de conscientização na estrutura da televisão brasileira, onde a desconstrução dos estereótipos, estigmas e racismos estejam direcionadas para equilibrar as discrepâncias e distorções seculares (ANJOS, p.148, 2009).

A verdade é que os quilombos não foram somente a fuga da escravidão, mas da iniquidade social que sempre imperou no Brasil, mesmo com a “abolição” da escravatura, quilombos foram se formando e se alastrando no país. Após abolição, os antigos trabalhadores escravizados mudaram de denominação, de escravos a negros com o desejo (utopia?) de poder ser um dia como qualquer outro cidadão, essa “abolição” somente lhe deu essa aspiração, na verdade nenhuma medida foi tomada para que ele fosse incluído na sociedade dos homens livres na concepção de Paixão (2006).

Sabemos que o espaço se modifica conforme a realidade social que o permeia e que os antigos quilombos abrigavam cativos insurrectos, assim mantinha suas territorialidades e identidades baseadas naqueles laços. Mas o que permeia essa relação identidade e territorialidade nos quilombos modernos, entre pessoas que vivem dentro de uma realidade, com suas técnicas e possibilidades na atualidade?

Para responder essa questão, a direção tomada será a revisão de conceitos norteadores, até chegar a uma comunidade do Vale do Ribeira denominada André Lopes, mais precisamente a juventude local que é a que recebem a herança material e imaterial de suas culturas e a repassam a posteridade, para que possamos tentar definir a espacialidade atual nessa comunidade. E também afinal, os quilombos desde suas formações vêm se criando se recriando, se formando e se transformando nos séculos como sua gente que juntamente com esse processo se reinventa.

Na fala desses autores e seus conceitos, vemos o significado lexical atual da palavra “quilombo” que é o que se observa quando da visita em uma espacialidade desse tipo, simplesmente um lugar de se fazer e refazer, se manter e fortalecer os laços consangüíneos e levar adiante suas culturas Guimarães (1999).

Uma porção territorial era necessária então, para se firmar essa espacialidade denominada quilombo num determinado lugar, que é composto de um sistema social que forma além do território uma territorialidade. Tal territorialidade é formada pelos sistemas sociais que a cristaliza como a sociabilidade, família, trabalho, produção e reprodução conforme Santos ((2003). Desse modo, a seguir iremos então direcionar nossos colóquios para os conceitos: território, territorialidade e identidade territorial quilombola.

2.2 Território

A Geografia como ciência, possui cinco conceitos básicos como forma de sintetizar o conhecimento, a saber: o espaço, paisagem, região, lugar e território, sendo esse último o conceito que abordaremos nesse trabalho.

O território é uma categoria geográfica emblemática nos estudos das ciências geográficas, há vários autores que o classificam conforme interpretação que possuem sobre esse espaço, dependendo do autor e da sua linha de pesquisa e de suas elucubrações teórico metodológicas. E enfatizam inúmeros aspectos dentro do território, do viés econômico ao político e cultural ou o amalgamento de todos esses fatores, em uma tentativa, explicar ou conceituar esse dinamismo, de certa forma, plástico devido ao espaço estar sempre em transformação.

Pioneiro em conceituar o território, Claude Raffestin (1993) concebia o mesmo como posterior ao espaço e de cujo é o substrato e assim, também, criado pelo poder político-administrativo. Em sua obra datada de 1980, denominada “Por uma Geografia do Poder”, publicada no Brasil somente em 1993, são postas as bases para compreender o território. E não compreensão somente de sua parte funcional, mas a simbólica ou simbologia do poder é apontado o território como o espaço trabalhado Raffestin (1993), assim o recorte denominado território, possui suas bases fincadas em trabalho e poder segundo esse autor.

Ou seja, na visão de Raffestin, o território é um fenômeno que ocorre dentro do espaço geográfico, sendo o espaço algo já feito, dado pela natureza e o território construído, esse autor enfoca ainda, a visão tríade do Estado que se faz pelo território, soberania e o povo.

Outro autor, Paul Claval (1999) contribui com sua concepção de território sobre a seguinte face, ele vê três eixos em sua construção a posse de um grupo sobre determinado espaço ou visão Estado-Nação. Ainda a segunda concepção que é a da realidade social do espaço e, por conseguinte possui um viés marxista e o terceiro eixo, que tende a simbologia desse espaço, o espaço vivido, construído e carregado de significados conforme Claval (1999).

O quilombo como realidade territorial, está dentro dessa concepção na posse de poderio de um grupo sobre um determinado espaço, o sistema de posse coletiva também dá esse viés do social marxista oposto ao capitalismo ou de produção camponesa que é peculiar a produção quilombola segundo Claval (1999). E ainda também, possui seus símbolos adquiridos e repassados dentro das gerações que forma a simbologia, muito aplicado na cultura africana e de seus descendentes e que se coaduna com o pensamento de Claval (1999).

Ainda para este autor o território então é simbólico e material acentuando o pertencimento a identidade e o símbolo que se faz nesse e desse território. Essa conceituação de Claval se faz importante uma vez que a espacialidade estudada para a realização desse trabalho está dentro desse viés.

Poderiam ser evocados ainda vários autores que conceituaram o território, ele o território também está sob o foco de Marcelo Lopes de Souza (2001), no qual o autor aborda o viés político- cultural que envolve o território identificado por ele em grandes centros, como a ação territorial de classes sobre determinada porção de espaço a partir do embate entre as mesmas.

Segundo o autor, “todo espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder é um território, do quarteirão aterrorizado por uma gangue de jovens até o bloco constituído pelos países membros da OTAN” (SOUZA, p.1, 2001).

Ainda em Souza (2001) temos que o território é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, e que o poder não se restringe ao Estado e não se confunde com violência e dominação. Assim, o conceito de território deve abarcar mais que o território do Estado- Nação; Em outras palavras, o território é uma delimitação que não se aplica somente o poder bélico e estatal sobre determinado espaço, mas a identificação que se tem com esse espaço territorializado.

Em Haesbaert (2006), que é a base conceitual principal adotada para definir território dentro da espacialidade e objeto estudado nessa pesquisa, o conceito de território para esse autor aponta três pressupostos para calcá-lo.

Haesbaert (2006) conceitua território dentre os vieses político, cultural e econômico e sua funcionalidade econômica e simbólica, sendo a econômica todo o processo que um grupo realiza sobre um determinado espaço, se apoderando, criando sua economia e forma de vida e simbólica os signos que advém da convivência grupal, o trabalho, a família, as construções e seus símbolos que reforçam a vivência.

O território para esse autor “desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (HAESBAERT, :95-96,2006).

Diante desse pressuposto não há como olvidar o território- estudo, objeto dessa pesquisa, que todas as premissas de Haesbaert (2006), estão inseridas na posse da territorialidade estudada. Afirmando categoricamente a questão política revestida da insurgência ao antigo regime escravocrata, cultural advindo da territorialidade imposta pelos costumes quilombolas e econômico pelo cultivo da terra tirando dela a sobrevivência.

Uma abordagem importante além das então citadas está em Santos (2005), no qual o autor indica essa categoria geográfica como de suma importância para se entender o *status quo*, ainda cita o território como uma instância a compreensão do mundo. Em sua ótica o uso do território se dá pela dinâmica do lugar e seu acontecer solidário, esse acontecer solidário é a vida em comum, as culturas, as sociabilizações, as identificações que culminam em território e territorialidade, por conseguinte.

Diante então do pressuposto, o conceito geográfico: território, objeto das ciências geográficas e por isso mesmo explanado por vários pensadores seja Claval (1999) e sua visão material e simbólica do território.

Ainda em Souza (2001) e sua base de contribuição conceitual do que seja território não á um mero poder de estado, mas de grupos de indivíduos com idéias e ideais comuns que se apoderam de determinado espaço.

E também em nossa base conceitual Hasbaert (2006 e sua tríade (política, econômica, cultural) do território e a funcionalidade (econômica e simbólica), vêem essas realidades de poder, simbólicos, econômicos, culturais, se materializando quando da apropriação quilombola em um espaço, para produzirem suas culturas.

O quilombo então possui toda uma característica que o define como território, devido às conclusões históricas, étnicas e sociais que o mesmo se reveste. O quilombo estudado para essa pesquisa tem, por exemplo, seu território criado a partir da fuga da escravidão e da convocação para a guerra do Paraguai e da expansão territorial oriunda da formação familiar (ISA, 2008).

O território- quilombo como fenômeno então citado, aliado a comunhão histórico-cultural que o reveste, mais o seu assentamento em um espaço de terra, de solo, cria a partir daí a identidade territorial, pois segundo Haesbaert (2006), todos os elementos para se territorializar estão presentes nesse contexto.

Desse modo, o conceito tríade de Haesbaert (2006), segue presente no quilombo que foi e é uma posição política ao se insurgir outrora e atualmente contra as opressões surgidas. Cultural, pois possuem suas culturas materiais e imateriais como pilões, modo de construir casas, danças, etc., transmitidas de geração a geração e econômica devido ao cultivo da terra e que dela vivem daí então produzindo a identidade e territorialidade quilombola que será mais bem detalhada a seguir.

2.3 Identidade e territorialidade quilombola

O que é identidade, o que faz os quilombolas se diferenciarem até mesmo de outros afro - descendentes? A identidade é algo já pronto, preparado ou se constrói e desconstrói e reconstrói nas páginas do tempo?

A identidade se forma no nível psicológico do eu do saber pessoal, do saber o outro e de se ver o que há ao redor, o que o faz ser como é, Claval (1999) diz que a identidade o território, o construir signos, são indissociáveis. Quando dessa citação nos reporta a verdade de que o homem se identifica com o espaço que ocupa ou o território e mesclando-se a ele o territorializa, identidade e território não se mantêm por duas vias, mas são dois conceitos perfazendo uma via em se afirmar, ou seja, indissociáveis

Através dessas abordagens é explícita a formação identitária, por meio de costumes, crenças, tradições, ritos, cultivos, as pessoas moldam o espaço e o territorializam pelas suas vivências e socialização em uma “simultaneidade de histórias-até-agora” (MASSEY, p.29, 2008). A identidade pessoal, nesse caso a identidade grupal, diferenciando uma classe de pessoas de outras e essa autora nos aponta a realidade que se fazem e refazem pelos anos, mas sempre atrelados ao viver cotidiano e igualitário.

Ao povo quilombola, na manutenção de sua identidade, pressupõe uma territorialidade, que se faz no território, sem o qual então, eles seriam outros afro - descendentes brasileiros, pois o signo que os diferenciam está justamente na posse desse espaço histórico e da coletividade no uso da terra.

Schmitt (2002) quando cita o signo, o sinal, a marca, está lembrando-se das construções que essas pessoas vêm fazendo e refazendo em seus percursos, não são mais um grupo de afro – descendentes, pois se diferenciam pela posse que os ancestrais fizeram na terra que habitam.

Stuart Hall (2004) define a identidade como “processo de articulação, saturação, sobre determinação (...) nunca um ajuste completo, uma totalidade” (HALL, p. 106, 2004) a identidade como um jogo com suas variantes, está sujeita a diferença, até mesmo por que a identidade se afirma na diferença. E diante desses conceitos de diferença e desigualdade devemos nos ater que não são sinônimos seus significados, apesar ser tênue o fio de interpretação social é diferente o significado lexical.

Vemos então que, as comunidades quilombolas se diferenciam de outras comunidades mesmo de outros afro - descendentes, tendo os mesmos a mesma etnia, pois as definições de vivência, de origem familiar da forma como se apropriaram do território e formaram sua territorialidade os colocam como um povo e uma espacialidade a parte de outras.

Schmitt (2002) destaca ainda que o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma terra é forma de expressão da identidade étnica da territorialidade, construídos sempre em relação aos outros grupos com os quais os quilombolas se confrontam e se relacionam.

Segundo Le Berre (1995), "O território pode ser definido como a porção da superfície terrestre, apropriada por um grupo social, visando assegurar sua reprodução e a satisfação de suas necessidades vitais" (LE BERRE p. 606, 1995). Percebe-se que o autor foca, a produtividade de recursos naturais ou da territorialidade. Esse autor desta forma nos aponta que, a posse territorial quilombola culmina em territorialidade.

Na concepção antropológica temos o conceito de territorialidade em Little (2010) onde o autor cita o controle de uma espacialidade em todos seus aspectos, para manter sua vivência e, por conseguinte a territorialidade. Através de ideais comuns, afirma ainda o autor, afinidades, laços de sangue, a produção cultural que se faz sobre um local escolhido, apossado, surge como poderia dizer a alma desse lugar ou sua territorialidade, construída nesses preceitos, criados e recriados na dinâmica do espaço.

O termo território e a territorialidade, também vêm nos debates de outro pensador da Geografia- Milton Santos, segundo este autor a territorialidade não provém do simples fato de viver num lugar, mas da comunhão que com ele mantemos conforme o autor Santos (2004).

E dessa premissa percebemos o território como local espacial concreto, substrato da territorialidade e identidade, temas de pesquisa de nosso objeto e nesses termos, vemos que eles não somente habitam aquela espacialidade, mas mantém um laço de familiaridade com a terra, com a paisagem e fazendo assim seus lugares, o territorializam.

Corroborando com o conceito, temos a afirmação de Anjos (2004) em que o geógrafo cita que o quilombo em terras brasileiras, foi a criação e afirmação concreta de um sistema africano dentro do Brasil, ou seja, a cultura imaterial e concreta, trazida de África.

E o território e sua territorialidade manifestada na vivência cotidiana, sendo preponderante e basilar para manutenção da identidade, não olvidando que esse pensador, é um estudioso profundo da causa quilombola no Brasil.

Conversando então com os autores e transmitindo aos leitores desse trabalho, o território quilombola, é elaborado com todas as concepções que se transmite a essa espacialidade, pois nela se firma o espaço socializado segundo Santos (2003).

Assim como o território precede a territorialidade que é seu fim, assim o espaço precede o território retornando em Raffestin (1993) nesse autor vimos também que os laços históricos, de sangue e culturais que se baseiam essa classe étnica, ou seja, quilombola nos mostra e nos dá todo um suporte de estudos em autores que sustentam essa afirmação conceitual.

Para se entender um pouco mais o que seja essa questão identidade territorial quilombola, o geógrafo Milton Santos (1997) cita a questão do espaço vivido culturalizado e socializado através do texto tão elucidado que segue:

O desafio de compreender o mundo em que se colocam os geógrafos requer também considerar a força dos símbolos, das imagens e do imaginário (...) o domínio do simbólico possui um inegável valor explicativo. (...) Apesar de a racionalidade moderna ter conquistado os espaços objetivos das relações sociais as representações permanecem nos dispositivos simbólicos, nas práticas codificadas e ritualizadas, no imaginário e em suas projeções (SANTOS, *apud* CASTRO, p.156, 1997).

Observa-se então a construção dessa identidade territorial, permeada por todos os mecanismos intrínsecos que do quilombo formado dentro de um território, encaminha-se a uma identidade territorial que culmina em uma identidade territorial quilombola.

Esse território quilombola, como qualquer outro território, é provindo de pessoas que o territorializam, nesse caso, o quilombo atual, com suas concepções e conceitos atuais, possuem subgrupos dentro dele seus idosos, seus adultos, crianças e jovens como qualquer outra sociedade.

Neste sentido, o intuito desse trabalho é estudar o quilombo em si mesmo suas formações e suas concepções, a territorialidade que se impõe no território, a sua ancestralidade até chegarmos ao objeto de estudo que é o jovem que habita essa espacialidade. Voltaremos então o foco para a juventude brasileira como um todo em si e a juventude quilombola que sendo objeto de pesquisa se torna alvo de nosso interesse.

2.4. A juventude quilombola brasileira

Quando se fala em juventude ou jovens perguntamos: o que é um jovem e sua juventude e como ela se manifesta diante das classes sociais, étnicas ou qualquer outra categoria que o homem criou para discriminar os humanos? Os jovens são diferentes? Qual a situação do jovem brasileiro? E o fundamental, há política pública para esse jovem?

No Brasil, que segue uma tendência internacional, o jovem está em uma faixa etária

entre 15 e 29 anos, sendo o jovem adolescente entre 15 e 17 anos, o jovem novo de 18 a 24 anos e o jovem adulto entre 25 e 29 anos².

Quando o jovem quilombola foi escolhido como objeto de estudo nessa pesquisa, o intuito, foi justamente saber como esse jovem se vê, o que pensa e o que aspira. Os idosos são as raízes, mas eles, os jovens, são as sementes do amanhã e saberemos nosso amanhã sabendo nosso jovem hoje.

É a juventude que leva a ancestralidade para frente, é ela que se reinventa para poder sobreviver; as comunidades quilombolas na África segundo Munanga (1995) eram formadas por jovens guerreiros desenraizados descontentes de suas localidades originais e se reinventavam.

Assim como os quilombos se reinventam nos séculos e, por conseguinte, se renovam também o seu significado lexical e ainda pelo fato de, como disse com propriedade a escritora Cecília Meirelles: “a vida só é possível reinventada”.³

Para a abordagem desse tema o escopo serão duas publicações do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) órgão ligado ao governo federal.

Deste modo, o livro “Juventude e Políticas Sociais no Brasil” (2014) juntamente com o livro “Desafio a Trajetória Profissional dos Jovens Brasileiros” (2009) serão os subsídios para caracterizar a juventude e as políticas voltadas para essa faixa etária da população no país.

Autores como Corseuil e Botelho (2014) afirmam que a inserção dos jovens no mercado de trabalho é um desafio no Brasil e no mundo e que a taxa mundial de desemprego em 2013 foi de 12,6% que corresponde a 2,7% dos adultos (IPEA, 2013).

Segundo ainda outros autores, a saber: Castro, *et all* (2009) além de ser importante uma política voltada para nossa população jovem, uma carga a mais de políticas sociais e ações afirmativas devem ser implantadas para populações de jovens oriundos de etnias historicamente desfavorecidas.

Tal concepção é justa até porque as disparidades de diferenciação social e econômica que há entre os adultos repercutem também entre as juventudes de respectivas classes sociais. A tabela (01) abaixo indica os resultados das pesquisas apontadas pelo IPEA/2007.

2 Segundo Estatuto Criança e Adolescente ECA.

3 Do poema da Autora- Reinvenção-1939.

Tabela 1 - Dados de projeção do IBGE (2007) * população nacional

*Jovens brasileiros	26,4%
Mulheres jovens	53%
Jovens brancos	47,1%
Jovem não branco	52,9%
Jovem não branco e pobre	70%
Jovem branco não pobre	53,9%
Jovem concentrado região NE	51,7%
Jovem nordestino rural	19,3%
Bom ser jovem	74%
Ruim ser jovem	14%
Bom e ruim ser jovem	12%

Fonte: IPEA, 2007. Elaborado por: SANTOS, 2014.

Para Castro *et all* (2009), citam que as disparidades sociais em todos os âmbitos (são históricas) entre brancos e negros (pretos e pardos), incidem de forma drástica na juventude negra. No campo da educação ainda nestes autores, constam que na faixa etária entre 15 e 29 anos o analfabetismo é duas vezes maior nos jovens negros em relação aos jovens brancos.

A taxa de frequência líquida (faixa etária correlata entre o grau de estudo e de idade correspondente), nos jovens negros é menor seja no ensino médio ou superior em relação ao jovem branco. Na faixa de 15 a 17 anos em que se espera o jovem estar cursando o ensino médio, a frequência líquida do jovem branco é de 58,7% quanto a 39,3% dos negros. No ensino superior a desigualdade se acentua entre jovens brancos e negros: na faixa etária entre 18 e 24 anos a frequência líquida de brancos chega a 19,8% contra 6,9% dos negros, somando uma diferença quase três vezes maior a favor do jovem branco (IPEA, 2007).

Somando-se ainda os jovens que não trabalham nem estudam, os negros sobrecarregam os números, além da inserção e precariedade quando no mercado de trabalho.

As diferenças entre a população jovem branca e não branca no Brasil segundo o Sistema de Informação de Mortalidade do SUS (SIM/SUS) em mortes por causa externas, se mostra na tabela (2) abaixo que explicita a realidade.

Tabela 2 - Morte por causas externas	
Jovens negros	206,9 /100 mil habitantes
Jovens pardos	190,6/100 mil habitantes
Jovens brancos	138,2 /100 mil habitantes

Fonte: IPEA, 2013. Elaborado por: SANTOS, 2014.

Vemos nessas tabelas que de uma forma ou de outra, as negatividades se fixam quando na população de origem negra, seja pela omissão ou pela ação danosa a essa parte da sociedade de forma inquestionável, pois os números demonstram a exatidão de como se encontram as relações de estado com suas populações étnicas e socialmente falando. Abaixo, os números de violência urbana (homicídio conforme a tabela (3)).

Tabela 3 - Morte por homicídio	
Jovem negro	135,3/100 mil habitantes
Jovem pardo	122,8/100 mil habitantes
Jovem branco	63,9/100 mil habitantes

Fonte: IPEA, 2007/8. Elaborado por: SANTOS, 2014.

Essas tabelas nos mostram o quanto necessário se faz a uma política de enfrentamento da miséria e do preconceito, inserção e de melhoria na auto-estima do jovem e, por conseguinte, do jovem negro, que está mais vulnerável à violência urbana devido aos tantos fatos relatados e observados nas pesquisas em geografia e estatísticas. Percebe-se claramente na leitura da tabela que a cada um jovem branco segundo o IPEA (2008) morrem dois jovens negros por causa de homicídios no Brasil.

Ainda segundo Castro, Andrade e Aquino (2009) na questão habitação, com relação aos jovens entre 15 e 29 anos dois milhões moram em favelas e desses 66,9% são negros e dessa porcentagem, 30,2% pertencem a famílias com renda per capita de meio salário mínimo.

A conclusão que temos é que no Brasil a perversidade contra a etnia negra ainda ronda fortemente e persiste em dados sociais de qualidade de vida, os não brancos se posicionam nos baixos níveis e quando os dados se invertem para estagnação ou retrocesso social os níveis se invertem, os não brancos alcançam altas taxas e níveis de anti-cidadania.

Poderiam ser elencados outros dados sociais, em relação a trabalho, estado civil, etc., no entanto, seria cansativo e repetitivo observar as desigualdades incididas sobre a população negra e jovem. Daí percebe-se que essas disparidades estão em vários dados que escolhemos como grau de instrução, violência e moradias, sendo estes suficientes para abordarmos nossos colóquios de como a juventude em geral a negra se encontra dentro do contexto social.

A seguir, será direcionado o nosso trabalho para a caracterização da área de estudo o Vale do Ribeira em seguida o município de Eldorado-SP, onde está a espacialidade, e se encontra nosso objeto de pesquisa: a juventude quilombola e sua identidade e territorialidade.

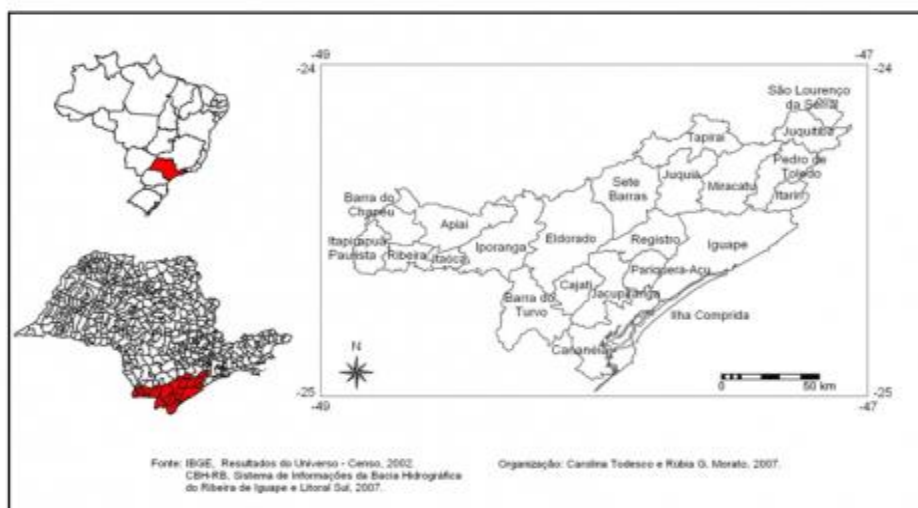
3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

3.1. O Vale do Ribeira

O Vale do Ribeira está localizado no sul do estado de São Paulo e norte do estado do Paraná, abrangendo a Bacia Hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape e o Complexo Estuarino Lagunar de Iguape – Cananéia- Paranaguá. Sua área de 2.830.666 hectares, inclui integralmente a área de 31 municípios (9 paranaenses e 22 paulistas). Existem ainda outros 21 municípios no Paraná e 18 em São Paulo que estão parcialmente inseridos na Bacia do Ribeira segundo os dados do Instituto Sócio Ambiental das Comunidades do Ribeira (ISA, 2008).

O Vale do Ribeira conta com aproximadamente 50 comunidades remanescentes de quilombos. Estas comunidades descendem diretamente de africanos e sua característica comum está ligada ao "desenvolvimento de práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida" (ISA, 2008). Abaixo, a localização do Vale do Ribeira dentro do estado de São Paulo conforme a figura (01).

Figura 1- O Vale do Ribeira-SP



Fonte: IBGE, 2000.

Os direitos sobre suas terras estão garantidos pela Constituição Federal, mas apesar disso, sofrem ameaças, que vão da não titulação de suas terras à implantação de grandes empreendimentos, como a construção de barragens. A região destaca-se pelo grau de preservação de suas matas e por grande diversidade ecológica advindos das comunidades quilombolas que ali vivem de forma ecológica. (ISA, 2008).

São mais de 2,1 milhões de hectares de florestas equivalem a aproximadamente 21% dos remanescentes de Mata Atlântica existentes no Brasil, transformando-a na maior área continua desse importante ecossistema em nosso país (ISA, 2008).

Em contraste a este valioso patrimônio ambiental, o Vale do Ribeira é historicamente uma das regiões mais pobres dos estados de São Paulo e Paraná. Seus municípios possuem IDH inferiores as respectivas médias estaduais assim como os graus de escolaridade, emprego e renda de suas populações, entre outros indicadores, são tradicionalmente menores do que os de outras populações paulistas e paranaenses (ISA, 2008).

Os principais ciclos econômicos que se instalaram no Vale do Ribeira ao longo da história foram a exploração aurífera e de outros minérios, a partir do século XVII até décadas recentes com as culturas de arroz, café, chá e banana. (ISA, 2008).

Atualmente, se caracteriza pela grande concentração de pequenas propriedades, com até 50 hectares. A principal cultura atualmente é a da banana, seguida da carne bovina, do tomate e da tangerina. A economia regional produz ainda chá mate, arroz, milho, flores, além da atividade de pesca em sua porção litorânea (ISA, 2008).

3.1.10 município de Eldorado-SP

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2014) Eldorado foi fundada em 10 de março de 1842 com o nome de Freguesia de Xiririca e mudou para Eldorado em 1949 devido ao ouro local. Na tabela abaixo se seguem os dados geográficos do município e sua área, para melhor detalhamento.

Tabela 4- Dados Geográficos da cidade de Eldorado - SP	
Município	Eldorado-SP
Gentílico	Eldoradense
Ano de fundação (antiga Xiririca)	10-03-1842
Distancia da Capital	140 km
Habitantes	13.268 (censo 2013)
Altitude	62 metros

Clima	Subtropical
Fuso Horário	UTC -03
IDH	0,733

Fonte: IBGE, 2014. Elaborado por: SANTOS, 2014.

Em sua hidrografia, segundo dados do IBGE (2014) seguem os rios Ribeira, Taquari e Batatal. A rodovia é a SP 165 e 193. A geologia local é diversificada entre a Falha de Cubatão, passa no município com a denominação de Itapeúna e segue ao Paraná com a denominação de falha da lancinha (ISA, 2008).

Possui como um de seus atrativos turísticos, a caverna do diabo situado no monte André Lopes, a cidade se encontra no extremo sul do estado de São Paulo e é considerada estância turística estando dentro da Reserva da Biosfera do Patrimônio Mundial segundo Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 1993), além de que o Vale do Ribeira onde está inserida é segundo o Naturalista, Geólogo e Botânico Português –Manoel Pio Corrêa, a Amazônia Paulista. (ISA, 2008).

3.1.2 O Quilombo André Lopes

Segundo dados retirados da Agenda Sócio Ambiental das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira, por meio de consultas a agenda da ONG denominada Instituto Sócio Ambiental (ISA, 2008) a comunidade André Lopes, possui 76 famílias e a titulação está em processo no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Essa comunidade se encontra dentro da área municipal da cidade de Eldorado-SP, para ter acesso a essa comunidade, é necessário trafegar por 45 km do centro da cidade de Eldorado em direção a Iporanga, ou seja, ela se encontra a 45 km da sede, o trajeto é feito sobre malha asfáltica conforme figura 2.

Figura 2 - Estrada Eldorado-Quilombo André Lopes



Fonte: acervo do autor (SANTOS 2014).

No *site* da Fundação Cultural Palmares (2011), encontra-se 1.523 quilombos reconhecidos pela fundação, mas o caminho é árduo e longo para titulação (somente 193 foram tituladas) e manutenção da comunidade através de programas de inclusão social e ações afirmativas. Segundo ISA (2008), essa comunidade, possui uma área de 3.200 hectares, e está dividida entre terras particulares e públicas.

No ano de 2004, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) deu início ao processo de regularização do território.

Sobre a formação e expansão do Quilombo- Bairro há duas vertentes segundo o laudo do Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP, 2008) e são esses, a saber: A extensão territorial de grupos negros de Ivaporunduva, Nhunguara e São Pedras e as fugas de recrutamento da guerra do Paraguai.

Atualmente essa comunidade possui água encanada e luz, sinais de TV, rádio e internet e uma população de 76 famílias. As residências que ocupam o espaço local, algumas estão próximas da estrada, outras em locais de difícil acesso, por estar há vinte (20) ou trinta (30) metros em terrenos em declive, ou alicive, mas uma boa parte são casas fabricadas com materiais modernos de alvenaria, apesar de simples e vemos ainda, algumas casas de “taipa”. A figura (3) apresenta uma das residências de André Lopes.

Figura 3 - Residência quilombola.



Fonte: Acervo do autor (SANTOS 2014).

Nessa comunidade, ainda há duas escolas públicas sendo uma o Centro Paula Souza que ministra curso de Técnico em Agro - ecologia e é fruto de parceria, entre o Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP), a Prefeitura de Eldorado e o Centro Paula Souza. A outra é a Escola Estadual Maria Antônia Chules Princesa nosso *lôcus* de pesquisa, que oferece para população, os ensinos fundamentais I e II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) conforme figura (4)

Figura 4 - Escola Estadual Maria A. Chules Princesa



Fonte: Acervo pessoal (SANTOS, 2014).

A escola atende os bairros quilombolas São Pedro, Galvão, Ivaporunduva, Nhunguara, Sapatu e André Lopes sendo nesse último devido sua localização central entre os outros bairros e por concórdia de suas lideranças e membros, tiveram a escola erigida nesse local, facilitando assim o acesso da população usuária e comunidade em geral.

A escola tem todas as dependências e estrutura humana- técnico- informacional para um bom desempenho no ensino e aprendizagem. Esse é o local da pesquisa que foi realizada por meio da permissão da liderança local⁴ e emissão de questionário para estudantes acima de 18 anos de idade, com permissão da Diretora da referida Escola conforme figura (5).

Figura 5 - Escola Estadual Maria A. Chules Princesa



Fonte: Acervo pessoal (SANTOS, 2014)

Após breve apresentação do lócus de pesquisa e do contexto histórico geográfico ao qual ele está inserido, nossos colóquios serão dirigidos ao objeto de pesquisa e discutidos dos dados obtidos através das propostas iniciais.

Propostas calcadas entre materiais e métodos, instrumentos e técnicas e os passos metodológicos que nos forneceram material que gerou tabelas e gráficos de medidas da identidade e territorialidade do objeto e nossos resultados e discussões ao qual abordaremos na sequência.

4 “Seu João, líder comunitário”

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A identidade da Juventude Quilombola

Na data de 10 de setembro de 2014, na Escola Estadual Maria A. Chules Princesa, que se encontra na comunidade ou bairro quilombola André Lopes, situada frente à rodovia SP – 165 no km 40, bairro da cidade de Eldorado-SP mais precisamente em sua área rural distante 40 km de sua sede, iniciou-se propriamente a pesquisa de campo.

Pesquisa concedida, a partir do encontro com a Diretora da referida escola no intuito de obter consentimento para realização de entrevistas e distribuição de questionários, a fim de coletar os dados para comparar com nossa hipótese..

Os quesitos para tal foram a maioria do aluno e a forma voluntária, respeitando a lei de fazer ou deixar de fazer algo somente sobre a égide da mesma.⁵

A Diretora da escola foi muito solícita, apresentando a comunidade, bem como a escola, repassando dados históricos e geográficos, para que pudesse ser a pesquisa realizada de forma íntegra e científica. Foi recebido da Diretora da referida escola e da Coordenadora Pedagógica, informações ricas sobre dados das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, de suas aspirações, riquezas culturais e necessidades sociais.

Indubitavelmente se percebe que as construções territoriais e territorialidade se baseiam na identidade comum do grupo em relação aos outros diversos grupos que compõe o mosaico brasileiro. Vejamos aí a clara manifestação cultural e socialização do território compondo o que seja ser- quilombola, corroborando com a fala de Hall (2004):

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são assim mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituídas, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenças (HALL, p.9, 2004).

A observação e conclusão que se faz na fala de Hall (2004), nos reporta aos discursos de formação identitária, território, territorialidade que se impõe sobre o espaço tomado e impondo sobre ele nossos traços.

5 Constituição da República federativa do Brasil Art.5º inciso II.

Traços que vêm nas respostas da entrevista como um todo e que propositalmente foram separados por grupos de perguntas e dessas, foram geradas duas tabelas de forma a subsidiarem e dar seguimento na questão proposta no trabalho, ou seja: identidade e territorialidade dessa respectiva juventude.

Deste modo, ao observarmos as tabelas e os gráficos que foram elaborados a partir dos dados referentes à forma como os jovens se identificam, para observação dos resultados, vemos que a auto - identificação dos entrevistados se baseia em uma maioria de 60% pela origem quilombola e não pela cor que soma 30% e 10 % de negros e outros respectivamente. E isso reporta a construção identitária de Stuart Hall (2004) cujo autor cita a identidades se firmando na diferença, ou seja, não somente mais um grupo de afro - descendentes, mas, além disso, quilombolas. Vejamos a tabela (5), para observação dos dados:

Tabela 5 - Pesquisa de identidade da juventude quilombola André Lopes.	
Você conhece sua origem?	Sim 60%
Sente orgulho de si, Por quê?	Sim 100%
Como você se identifica?	Quilombola 60% Negro 30% Outros 10%
Sente-se plenamente brasileiro?	Sim 100%
Une-se ancestralidade e modernidade?	Sim 100%
Já foi vítima de racismo?	Não 100%
A escola fala de sua história?	Sim 50%
Qual sua perspectiva de futuro?	Formação técnica/acadêmica 70%
Qual sua cor?	Parda 60% Negra 30% branca 10%

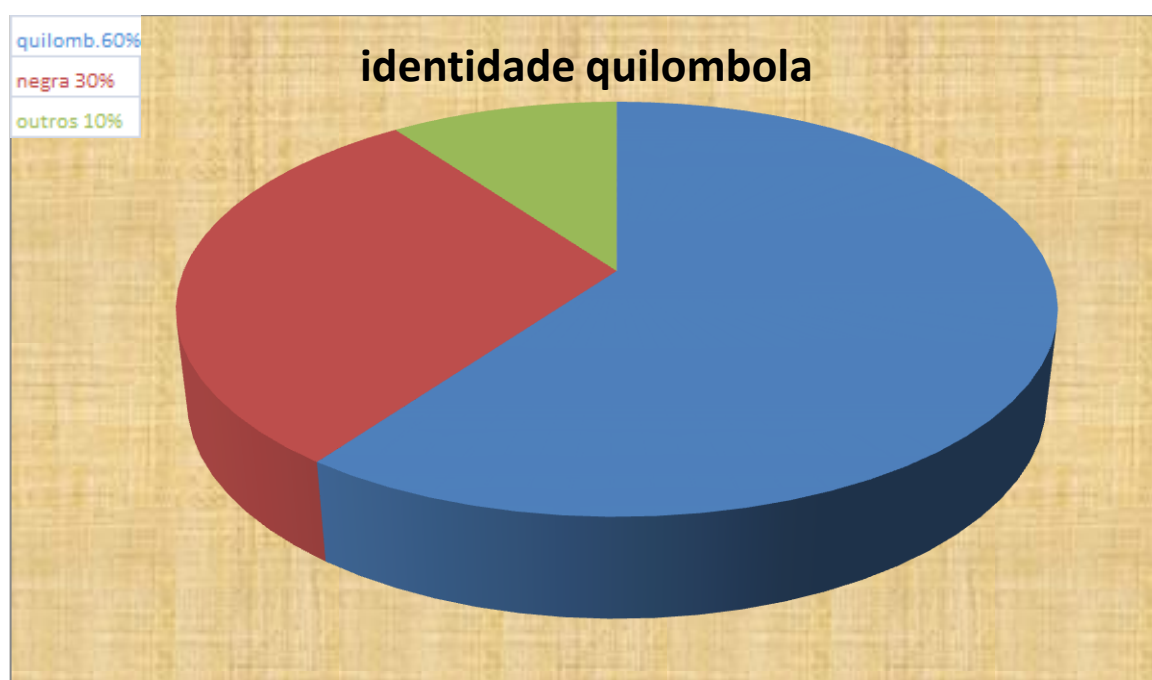
Fonte: SANTOS, 2014.

E mesmo ainda observando a tabela (05) sobre o quesito identidade, nos deparamos com o número de 50% sobre a escola citar sua história e seus antepassados aliado a 60 % que disseram saber suas origens e os confrontamos esses números com a tabela seguinte, sobre territorialidade onde o quesito como é transmitido sua cultura os números chegam a 100% pela transmissão cultural.

Transmissão advinda da vivência do dia-a-dia, não somente imposto como obrigação funcional da escola brasileira, mas muito mais que isso, ou seja, a vida vivida, trabalhada e socializada. Corroborando com a idéia de território e territorialidade a política a cultura e a economia ai inseridos conforme Haesbaert (2006).

Vide abaixo o gráfico (1) mostrando de forma plana os dados numéricos da tabela (5).

Figura 6- Gráfico 01 - Identidade da juventude quilombola André Lopes



Fonte: SANTOS, 2014.

Ainda ao observarmos a tabela 5, verificamos que um número considerável (60%) assim como a auto – identificação, os jovens reconhecem a própria origem e se identificam ou se denominam quilombolas. Em outros, os mesmos se identificam também como uma “mistura” racial (étnica), na verdade a síntese do país que possui em sua formação essa característica de encontros étnicos.

No quesito cor e vítima de racismo 60% dos jovens se declararam pardos seguidos de 30% negros e 10 % brancos conforme os dados da pesquisa e isso nos levam a formação dos quilombos e do povo brasileiro em sua característica mestiça. É sabido que no quilombo de Palmares, por exemplo, havia uma dominância negra, mas a comunidade possuía indígenas e brancos em seu meio social. (Fundação Palmares, 2011)

Ainda nesse tópico, a unanimidade positiva no quesito em não ser vítima de racismo demonstra que o fato de haver uma escola em território quilombola que atenda estes moradores diminui a incidência de preconceito advindo de pessoas não quilombolas.

Obviamente claro na dissertação de Silva (2011) o qual afirma em seu texto que ele mesmo sendo quilombola, vivenciou o preconceito advindo de alunos e professores e servidores mais de escolas da cidade sede, pois na sua época não existia escola na comunidade, fazendo com que a população local fosse estudar na sede do município e muitas vezes sofressem preconceito dos demais.

Deste modo, os alunos pesquisados não sentem o racismo ou preconceito, não por ele não existir, mas sim devido à escola estar em seus bairros e estudarem com pessoas da mesma origem étnica e possuírem a mesma historicidade. Notadamente deixa claro que educação diferenciada, a valorização de vários grupos étnicos que formaram o país, aliado ao preparo de profissionais e a retirada dos negros que vieram em porões de navios, retirados da mesma forma, dos porões da história brasileira é de suma importância para a auto-aceitação a aceitação do outro e assim a integração social.

Essa realidade vem na fala da Coordenadora do Curso figura (06) que foi cooperadora em responder o questionário. Segundo ela na resposta sobre a escola tratar de sua cultura:

Quando estudei a escola não passava nada da minha cultura, hoje onde trabalho, os professores fazem uma ponte entre o currículo e a lei 10.369/03⁶ com os quilombos (Entrevista *apud* SANTOS, 2014).

Na fala da Coordenadora, vemos e reafirmamos o quanto oral e social se faz a afirmação identitária dos grupos preteridos no processo histórico do país e vemos o quanto importante é, não somente a lei, mas sua aplicação, para que se minimizem preconceitos e baixa auto-estima, o que foi estimulado no país o qual possui três etnias básicas em sua formação, mas duas (indígena e africana) relegadas ao esquecimento, estereótipo pejorativo ou deturpação de suas verdades.

De uma forma, tudo isso evidencia também de forma hipotético-dedutivo que, a formação da identidade está no nível do psicológico, do saber-se e saber o outro segundo Claval (1999), pois, ao interpretar o autor e anuir sua fala ao tópico abordado, a convivência

6 Da Presidência da República do Brasil-Casa Civil

com a “diferença” chega à conclusão que o Estado não pode mais promover uma educação com modos coloniais, ou seja, deixando de lado a importância que todas as etnias tiveram no processo de formação do país.

O entrevistado constrói sua identidade baseado no que está mais próximo de si, ou melhor, dentro de si, dentro do discurso conforme Hall (2004), ele se vê brasileiro plenamente conforme dados da pesquisa, e sente orgulho próprio em afirmarem ao serem questionados: Vocês sentem orgulho de ser quem são? Por quê? Conforme os relatos a seguir:

Sim, devido ser uma quilombola.

Sim. Por que é onde me criei é com essa cultura que me criei, sinto orgulho (Entrevista *apud* SANTOS, 2014).

Vemos nas respostas que os entrevistados não somente são descendentes, mas afirmam serem quilombolas. Na fala acima, nos reportamos à identidade se firmando em uma espacialidade, ou seja, a identidade pela cultura material ou imaterial em si justaposto ou entrelaçado ao espaço territorial firmando essa identidade.

No quesito sobre a perspectiva de futuro, 70% das respostas foram sobre a formação estudantil, seja ela técnica ou superior. Percebe-se nas respostas a ocorrência de repetição de áreas de estudo, segue a ordem as áreas mais citadas: saúde, agronomia, história e computação.

Essas áreas apontadas em suas aspirações, refletem, apelando pelo tirocínio de pesquisador, que são as áreas as quais sentem deficiência em suas comunidades, pois, além de apontar as áreas de interesse deixaram claro que seria voltado para a comunidade de origem, o fruto dos estudos. Em seguida nos desdobraremos sobre os resultados dos dados territoriais da juventude quilombola pesquisada, que serão apresentados a seguir.

4.1.1 A territorialidade da juventude quilombola

Dando seguimento aos nossos colóquios sobre a pesquisa em si, vamos nos dirigir a tabela seguinte e seus dados que nos levam a construir hipóteses a respeito da territorialidade quilombola pelo viés de sua juventude. Para ilustrar a territorialidade da juventude quilombola, tomaremos a questão “melhoria no quilombo” da referida tabela (6).

Tabela 6 - Pesquisa da territorialidade da juventude quilombola André Lopes.

O que é um quilombo?	Local onde eu vivo 100%
Como é transmitida sua cultura?	Vivenciada no dia-a-dia 100%
Formas de expressões culturais	Comida/dança/história/trabalho (tutuca)
Como o quilombo pode ser melhorado?	Reconhecimento 60% (título) Desenvolvimento 30% outros 10%
Possível unir identidade territorial e sustentabilidade?	Sim 100%

Fonte: SANTOS, 2014.

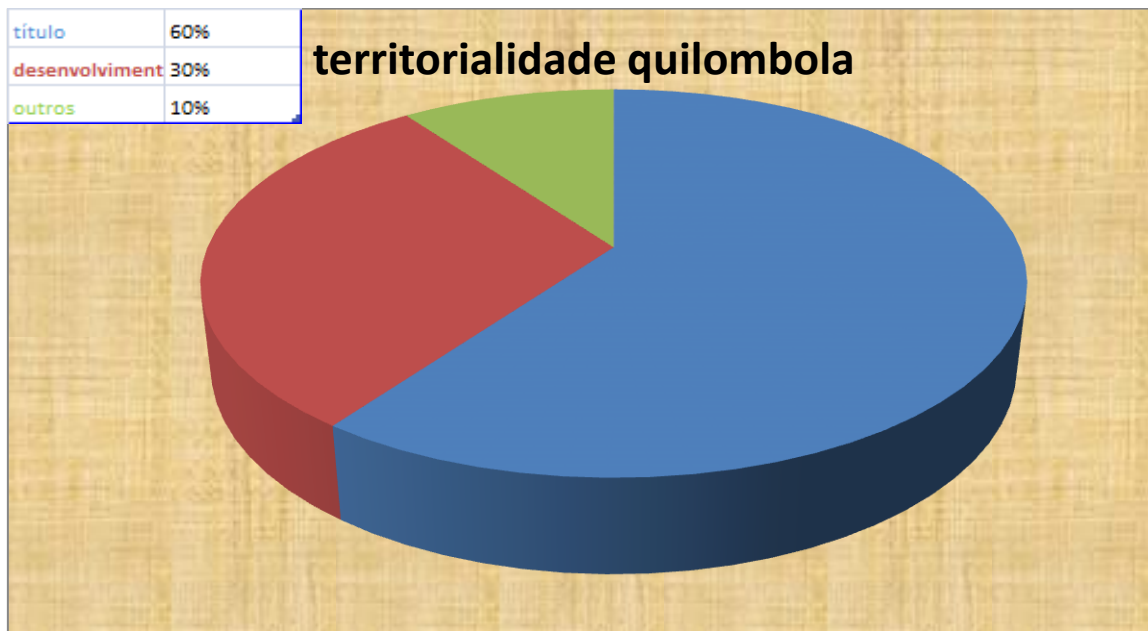
Essa “melhoria” não deixa dúvidas que tem haver com a manutenção territorial advinda de título de posse do território, pois, ao analisarmos essa comunidade quilombola e o objeto de pesquisa, vemos que eles formam suas características através do solo e esse solo é o enraizamento já outrora marcado pelos seus ancestrais.

Assim nos reportamos novamente em um dos nosso norte conceitual, Haesbaert (2006) e seus três pressupostos de que seja território tão presente na territorialidade quilombola estudado.

Pressuposto político pelas lutas de direito á cidadania, cultural pela própria forma de posse e econômica, pois de uma forma concreta, de suas produções vivem e mantém uma economia mesmo que discreta.

Vide abaixo o gráfico (2) mostrando de forma plana os dados da territorialidade pesquisada onde da entrevista aplicada, foi separada a questão destacada na tabela (06) que para o pesquisador seria o termômetro da territorialidade do objeto e está quantificado nas porcentagens do gráfico abaixo:

Figura 7 - Gráfico 2: Territorialidade da juventude quilombola André Lopes



Fonte: SANTOS, 2014.

O que é então e como se faz a manutenção territorial desse quilombo? Sem dúvida as respostas nos levam a Santos (2005) onde tal autor afirma que o uso do território se dá no lugar e seu acontecer solidário. O território se tornou o lugar, pois se mesclam com suas paisagens se identificam com a geografia local e se convivem numa harmonia familiar e dessa para uma comunidade totalizada.

Esses jovens entrevistados têm consciência das lutas ancestrais e das atuais, as respostas de melhoria do quilombo selam nossa hipótese de manutenção territorial não advinda somente da cultura que se coloca em determinado espaço fazendo dele um território, mas o “reconhecimento” que deduzindo das respostas dadas seria a titulação de posse coletiva da área territorializada.

Os jovens, recebendo de seus antecessores e antepassados, recriam suas vidas e por assim suas identidades e territorialidade, baseados no acontecer diário, não buscam um modelo externo, lá fora, mas recriam a partir de si mesmos, o que falam o que ouvem o que plantam o que pilam o que dançam o que sonham.

Ainda nota-se que dois jovens quilombolas responderam sobre uma dança típica de sua cultura denominada “tutuca”, que segundo conversas informais, foi relatado que é quando

dois homens pilam o arroz e o som (onomatopéico) dá o nome da dança advinda do pilar e rodar o pilador o som “tu-tu-ca.”

Nessa fala, nos reportamos ao trabalho social coletivo próprio de comunidades tradicionais que são o oposto da produção capitalista, enquanto nessa o trabalho e lazer estão distintos em sua esmagadora realidade. Mas nas comunidades tradicionais o trabalho coletivo se torna uma dança, uma forma de expressão cultural como cita Polanyi (1980) do pilar o arroz, o que constitui identidade e territorialidade quilombola.

Tratar de terra e trabalho como mercadoria, mesmo havendo isso em nossa sociedade capitalista, é algo ilusório Polanyi (1980) afirma que “O trabalho e a terra nada mais são do que os próprios seres humanos nos quais constituem todas as sociedades e o ambiente natural no qual elas existem”. Na fala desse autor, verificamos a realidade da formação da territorialidade quilombola novamente se firmando com suas identidades baseadas nos afazeres do cotidiano e esses no espaço escolhido para territorializar formando daí, sua territorialidade.

Podemos deduzir ainda sem dúvida, que quando o jovem responde “onde eu vivo”, no rol de questionamentos, sobre o que seja um quilombo, essa frase vem carregada de pertencimento a uma comunidade, seus valores e crenças e afirmação identitária no território e, por conseguinte territorializando-o. Reporta-se também na tabela (5) sobre a identidade, onde 60% dos jovens se identificam quilombola e outros 30% de origem negra, ou seja, a origem histórica acima da étnica, a territorialidade entrelaçada à identidade, a posse de um grupo sobre um espaço, impondo sobre esse espaço sua vivência, seus valores e por assim dizer territorializando-o lembrando Schmitt (2002).

Em suas formas de transmissão e manifestação cultural os jovens reforçam os conceitos supracitados, quando respondem que a transmissão cultural é a “vivência” em sua totalidade e as expressões estão correlatas com as atividades diárias tipo a sequência das respostas colhidas: “comida, dança, história, trabalho, conforme Polanyi (1980).

Para reforçar a hipótese colocamos a fala na íntegra de uma jovem quilombola quando foi questionada sobre como poderia ser melhorado o quilombo onde ela habita: “Sendo mais reconhecido e tendo mais valor” (Entrevista *apud* SANTOS, 2014).

As falas seguintes dos jovens entrevistados no quesito melhoria do quilombo e aqui transcrito: “com muita luta” (Entrevista *apud* SANTOS, 2014) de forma intuitiva nos reporta ao título coletivo da terra. Título seguido de desenvolvimento produtivo que nos reporta ao manejo agrícola de suas terras e também a melhoria no atendimento em saúde, essas

referências já apontadas quando da questão identidade e a busca em formação acadêmica ou técnica em áreas correlatas e as necessidades citadas entre as mais importantes para os jovens.

Em suma, podemos afirmar pelas respostas advindas dos entrevistados que “a terra é sua vida” e “sua vida é a terra” ao contrário do sistema capitalista que estão inseridos quanto à propriedade particular da terra. Eles são coletivos, se identificam e se territorializam baseados na posse da terra de forma coletiva formando assim uma coletividade, uma identidade, uma territorialidade pela relação vital que mantêm com o espaço usado segundo Santos (2004).

A espécie humana é social e territorialista por natureza, mas o objeto de pesquisa é diferente de ciganos que mantêm uma cultura, uma nação, mesmo no nomadismo e diferente também de judeus, que mantiveram a nação judaica mesmo sem um território geográfico (até 1948) devido ao estado teocrático e cultura baseada na comercialização. Os quilombolas por estarem historicamente atados à terra pela cultura de subsistência ancestral e atual, estariam fadados à perda de identidade advinda da perda territorial e enfim extinção cultural.

Da escola local que fora escolhida como *locus* de pesquisa, temos a fala da Diretora a qual disse que os quilombos são além de memória viva de nossa história, são ainda mantenedores da paisagem local (sendo paisagem categoria de análise da Geografia). Quando eles se fazem extrativistas conscientes e ecológicos, a paisagem é pouco modificada, diferentemente, segundo ela, do local onde não existem comunidades quilombolas que pelas suas formas culturais ecológicas, colocam freios na devastação da floresta local.

“A questão “você se sente plenamente brasileiro, por que”, quando de nossa entrevista, chamo a atenção para a fala de duas pessoas que responderam sobre essa pergunta de forma similar transcrita aqui:” sim, pois sou nascida e criada nesse território brasileiro” e “Sim, pois nasci e convivo no território brasileiro” (Entrevista *apud* SANTOS, 2014).

Essas respostas são termômetro no quesito identidade e territorialidade que é o que estamos agora tratando e nos reporta em nossa revisão teórica em que o autor Souza (2001), discorre sobre o território que segundo esse autor, não somente o estado, mas grupos étnicos ou sociais territorializam por domínio em determinado espaço sejam eles quais forem.

Esses jovens possuem ainda perspectiva ambiental vivida, quando coadunam suas identidades territoriais sustentabilidade, conforme os dados colhidos e expostos na tabela (06) afirmando-se assim, como camponeses, mantenedores da Mata Atlântica. E poder afirmar sem sombra de dúvida que a manutenção de suas identidades e territorialidades, passa pelo crivo do cultural e legal, e ao solo cujo título, lhes dão a legalidade de defender seus territórios suas vidas e o remanescente de Mata Atlântica. Desta forma, a seguir apresentaremos as considerações finais desta pesquisa revendo as hipóteses lançadas no início de nosso trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final de nossa pesquisa, observamos o quanto de saberes e o quanto de indagações ficam, nas várias ramificações de questionamentos que se podem extrair da espacialidade escolhida para que possamos tentar explicá-los aos olhos da ciência. E vemos o quanto essa espacialidade contribui com a ciência geográfica e como as ciências estão amalgamadas, pois dados históricos, antropológicos, sócio- culturais e geográficos fizeram parte de forma transversal nesse trabalho.

Diante de nossas indagações e hipóteses iniciais que foram os fios para o desenrolar da pesquisa, acreditamos que os objetivos foram atingidos de forma precisa; Hipóteses essas que foram apontadas pelo pesquisador e confirmadas quando das respostas desses jovens pesquisados.

As hipóteses foram levantadas em três fundamentos a seguir: A hipótese geral de que somente o reconhecimento e não titulação do solo quilombola, não é suficiente para manutenção da identidade e territorialidade de sua juventude. E desdobradas nas hipóteses específicas, ou seja, a cultura quilombola e exclusivamente camponesa e a cultura quilombola sobrevive sem o território.

A resposta é óbvia de que somente o reconhecimento e não titulação do território não é suficiente para a manutenção da identidade e territorialidade quilombola, pois do contrário seriam mais um grupo de afro - descendentes comuns. E pelas respostas, eles se auto denominam além de afro - descendentes quilombolas.

Por não serem nômades e nem terem suas identidades afirmadas pela teocracia, mas uma historicidade baseada na posse da terra para subsistência do grupo, através do cultivo, a perda territorial seria a perda total de identidade. Sem o uso do solo estariam fadados a extinção culturalmente falando uma vez que se baseiam exclusivamente dá e na terra e sua posse, em afirmar suas identidades e por conseguinte sua territorialidade.

A juventude seja ela de qualquer classe social ou étnica é a mesma que possui aspirações, ela recebe informações e os reformula ante suas realidades. Qual a diferença que se há entre esse jovem entrevistado e outros de grandes metrópoles ou outras nacionalidades a não ser a instância geográfica e as desigualdades intrínsecas a estas instâncias que se encontram.

Percebe-se sim, algo, que é necessário ter mais que um tirocínio de pesquisador, mas sim, sensibilidade para captar o que não foi dito, o que fica nas entre linhas. Percebe-se que

esse jovem carrega ainda, além do estigma da juventude, ser de origem negra e de ser rural-camponês e o estigma de trazer em si mesmos, fatos seculares e suas seqüelas, inseridos num mundo de valores euro centrista e urbano.

Não são somente os jovens de origem negra que vive em áreas rurais/urbanas e por uma razão ou outra, tiveram suas histórias distorcidas. São jovens que têm uma história (como todos os outros), mas ainda mantida e não totalmente deturpada, pois a terra que lhes deu o espaço que gerou a paisagem, seus lugares, é o substrato de seu território e identidade.

São uma juventude que não somente possuem noções de ecologia, mas a vivem em um ambiente “quase natural”, acreditam no futuro, na capacidade de unir ancestralidade e modernidade e na união entre territorialidade e sustentabilidade.

Observa-se nas respostas que, a cultura faz parte da identidade e territorialidade do grupo estudado, e vêm perpassando por gerações através das histórias passadas dos “pais aos filhos” a questão tão acentuada no parentesco está entrelaçada com o viver da comunidade, com o lazer e o trabalho em grupo.

As respostas a bem da verdade, são termômetros da realidade, e quando vêm generalizadas das falas em que eles citam que o pressuposto maior para a melhoria de seus lugares é o “reconhecimento do quilombo” onde habitam.

Daí então se define de forma dedutiva que essa resposta está ligada a titulação correspondendo à manutenção de identidade e de território do grupo que se faz pelo meio cultural e legal, cultural que por si já mantém e legal advinda do Estado.

Eles já se reconhecem como tal, geram cultura, mas não podem gerar um documento positivando seu direito natural, mas sabem que a luta e o “reconhecimento” (titulação?) é a melhoria de seus lugares-território.

Observamos que em suas respostas o eu- reconhecimento a autodenominação de identidade quilombola estão presentes, a territorialização por esse motivo também, importante seria, em favor do bem estar social e porque não ambiental, além de reconhecer, titular essas terras.

O reconhecimento titulado para o grupo citado seria a máxima expressão da democracia, um tipo de escritura da terra, não escritura de uma terra comprada com dinheiro por uma pessoa, mas comprada com sangue, suor e lágrima por um grupo de pessoas que fizeram história e a repassam aos seus descendentes, á sua juventude, uma propriedade não privada, mas privativa da identidade e territorialidade quilombola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. **Posse Comunal e Conflito. Humanidades**, n. 15, p. 43-48, 1987/88.

ANJOS, Rafael S.A.dos. **Quilombos: tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.

_____. ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Quilombos: geografia africana, cartografia étnica e territórios tradicionais**. Brasília: Mapas Editora& Consultoria, 2009.

BRASIL, Constituição do **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

CASTRO, Jorge Abrahão de. e AQUINO, Luseni M. C.de e ANDRADE, Carla Coelho de Andrade. **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. BRASÍLIA - IPEA: 2009.

CLAVAL, Paul. **O território na Transição a Pós Modernidade**. In: GEOGRAPHIA, Revista da Pós Graduação em Geografia da UFF ano I nº2, 1999.

CORSEUIL, Carlos Henrique e BOTELHO, Rosana Uchoa. **Desafios a trajetória Profissional dos Jovens Brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 2014.

FIABANI, Adelmir. Associação Nacional de História-ANPUH, **XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-2007**.

GOMES, Flávio dos Santos. **Em torno de bumerangues: outras histórias de mocambos na Amazônia colonial**. Revista da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 28, p. 41-55, dez./jan./fev. 1995-96.

GUIMARÃES, Carlos Magno **Quilombos: classe, estado e cotidiano (Minas Gerais século XVIII)**. Belo Horizonte: USP/FFLCH. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História). (pp, 6-10; 82-103; 323-339), 1999.

PRIOST, Fernando e BARRETO, André, **Território quilombola: uma conquista cidadã**. Organização de direitos humanos terra de Direitos, sl, nov. 2012.

GUSMÃO, N.M. **Os Direitos dos Remanescentes de Quilombos**. Cultura Vozes, nº6. São Paulo: Vozes, nov/dez de 1995.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.

_____. **O Mito da Desteritorialização: o fim dos territórios a multi territorialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade? In: Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Org. SILVA, Tomaz Tadeu. Ed. Vozes. Petrópolis - RJ, 2004

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LE BERRE, M. **Territoires. Encyclopédie de Géographie**. Paris: Economica, 1995.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil. Por uma antropologia da territorialidade**. Serie antropologia, 322, 2002. Disponível em <HTTP://www.unb.br/ics/dan/serie322> em pdf (acesso em 12/10/2009).

LOPES, Helena Theodoro SIQUEIRA, Jose Jorge. NASCIMENTO, Beatriz. **O negro e a cultura negra no Brasil**. Rio de Janeiro. UNIBRADE/UNESCO, 1987.

MASSEY, Doreen B. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2008. pp. 99/211

MOURA, Clovis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 3. ed. São Paulo. Editora Ática, 1993.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na Africa**. Revista USP, n 28:56-63, São Paulo, dez/fev.de 1995/1996.

PAIXÃO, Marcelo. **Manifesto Anti-racista: idéias em prol de uma utopia chamada Brasil**. In: Coleção Políticas da Cor. Editora DP&A. Rio de Janeiro, 2006.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação**. RJ,CAMPUS.1980.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

RATTS, Alecsandro J. P. (Re) **Conhecer Quilombos no Território Brasileiro: estudos e mobilizações**. In: **Brasil Afro-Brasileiro**. Editora Autêntica, 2ª edição. Belo Horizonte, 2006.

REIS, João José. **O cotidiano da corte no Brasil Oitocentista**. In: Alencastro, Luiz Felipe de (org) **História da vida privada no Brasil Império: á corte e a modernidade nacional**, São Paulo. Cia das Letras, 1998.

SÁ, Caroline Silveira & AMARAL, Sérgio Tibiriçá. **As Comunidades Quilombolas no Brasil**. In: ETIC – Encontro de Iniciação Científica. Marília, 2009.

SANTOS, Carlos Lopes dos. **Notas do trabalho de campo no quilombo André Lopes**. Município de Eldorado-SP, 2014.

SANTOS, Jucelia Bispo dos. **Etnicidade e memória entre quilombolas em Irara Bahia**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Centro de Estudos Afro Orientais - Universidade Federal da Bahia, 2008.

SANTOS, Kátia M. Pacheco dos e TATTO, Nilto. **Agenda Sócio Ambiental de Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira**, Instituto soicio-ambiental, 2008.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec; Annablumme, 2002b.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço - técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: 4ª edição. HUCITEC. (2004). **Território e sociedade**. 2ª reimp. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **O retorno do território**. En: OSAL: Observatório Social de América Latina. Año6 no. (16 jun.2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília, CARVALHO; MariaCelina. **Atualização do Conceito de Quilombo: Identidade e território nas definições teóricas. Ambiente e sociedade**. ano V.vol.10.1 semestre de 2002.

SILVA, Élson Alves da; **A educação diferenciada para o fortalecimento da identidade quilombola: Estudo dos Remanescentes de Quilombos do Vale do Ribeira**. Dissertação apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica-PUC, para obter título de mestre em educação, São Paulo, 2011.

SILVA, Jose Gomes da.**Relatório Técnico Científico sobre a comunidade de quilombo de Andre Lopes no município de Eldorado no vale do ribeira-ITESP**: 2000.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento**. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

TRIVINÕS, A.N.S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação, São Paulo: Atlas, 1987.

Portal Educação, Google Analytics. Disponível em:

http://www.palmares.gov.br/?page_id=88 >Acesso em 3 de julho de 2103.

ANEXO A

ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADO COM JOVENS DO QUILOMBO ANDRÈ LOPES DO MUNICÍPIO DE ELDORADO NO VALE DO RIBEIRA-SP.

QUESTIONÁRIO:

- 1-Qual o seu nome?
- 2-Qual a sua idade?
- 3-Qual seu grau de escolaridade?
- 4-Quantas pessoas moram com você?
- 5-Você tem conhecimento de sua origem?
- 6-Para você, o que é um quilombo?
- 7-Sente orgulho de ser quem é, por quê?
- 8-Como é transmitida sua cultura?
- 9-Cite algumas expressões culturais que mantêm em suas comunidades.
- 10-Como se identifica perante você, sua comunidade e o país?
- 11-Você se sente plenamente brasileiro, por quê?
- 12-Para você, como o quilombo pode ser melhorado?
- 13-É possível unir ancestralidade e modernidade, como?
- 14-É possível manter a identidade territorial quilombola com sustentabilidade na produção?
- 15-Já foi vítima de racismo ou preconceito social pela sua origem, se sim, como minimizar?
- 16- A escola que estuda fala de seus ancestrais, da história dos quilombos, dos processos de formação do país e das lutas pela equidade social?
- 17-Pretende seguir qual caminho no futuro?
- 18-Qual a sua cor?

ANEXO B**Rol das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira_SP *local de pesquisa**

Cidade: Quilombos

Barra do Turvo_SP

Quilombo Cedro

Quilombo Ilhas

Quilombo Pedra Preta

Quilombo Paraíso

Quilombo Ribeirão Grande

Quilombo Terra Seca

Quilombo Reginaldo

Cananéia_SP

Quilombo Porto Cubatão

Quilombo Mandira

Quilombo ex Colônia Velha

Eldorado_SP

Quilombo Abobral Margem Esquerda

Quilombo Abobral Margem Direita

Quilombo André Lopes*

Quilombo Engenho

Quilombo Galvão

Quilombo Ivaporunduva

Quilombo Pedro Cubas

Quilombo Pedro Cubas de Cima

Quilombo Sapatu

Quilombo Poça

Quilombo São Pedro

Iguape_SP

Quilombo Aldeia

Quilombo Morro Seco

Iporanga_SP

Quilombo Bombas

Quilombo Maria Rosa

Quilombo Nhunguara

Quilombo Piririca

Quilombo Porto Velho

Quilombo Praia Grande

Itaóca_SP

Quilombo Cangume

Miracatu_SP

Quilombo Biguazinho

Registro_SP

Quilombo Peropava